

A INVEJA COMO PRINCÍPIO REGULADOR DA MULTIDÃO

ENVY AS REGULATIVE PRINCIPLE OF THE CROWD

Thiago Costa Faria¹

RESUMO: A crítica de Kierkegaard à modernidade e, conseqüentemente, ao fenômeno das massas se concentrou nos seus aspectos ou desdobramentos morais, culturais, políticos e religiosos, preocupando-se sobretudo em avaliar como tal fenômeno afetava negativamente a consciência individual. Mas, para além desta abordagem sócio-política, é possível analisar o fenômeno da formação das massas e a sua influência sobre os indivíduos a partir de categorias psicológicas – as quais, a meu ver, estão muito mais aptas a explicar as transformações que a consciência individual sofre quando exposta ao assédio da multidão. Ao longo de sua obra, Kierkegaard analisou as paixões dos indivíduos, suas emoções, seus estados de espírito, e nos mostrou de que maneira estes constituem sua subjetividade e, por conseguinte, sua relação consigo mesmos, com o próximo e com Deus. Kierkegaard nunca dedicou uma obra à inveja (como dedicou à angústia ou ao desespero), mas tratou dela no seu livro “Uma resenha literária” (Enlitterair Anmeldelse) de 1846. Nesta obra o autor dinamarquês se põe a analisar o fenômeno da formação das massas e encontra justamente na inveja (Misundelse) o seu princípio regulador, isto é, a ideia em torno da qual a multidão se forma. A proposta do presente trabalho é, portanto, mostrar por que a inveja se erige num princípio regulador, quais são os seus efeitos nas consciências individuais, de que maneira se relaciona com o conceito kierkegaardiano de numérico (Numeriske) e, finalmente, como ela contribui para o nivelamento (Nivellering) dos indivíduos.

ABSTRACT: Kierkegaard’s critique of Modernity, and, consequently, of the phenomenon of mass society not only focused on its moral, cultural, political and religious features, but also on assessing how such a phenomenon negatively influenced individual consciousness. Beyond this socio-political approach, it is possible to analyze such phenomenon of mass formation and its influence on individuals by using psychological categories – which are, in my opinion, much more appropriate to explain the transformations by which individual consciousness undergoes when it is exposed to the crowd. Throughout his work, Kierkegaard analyzed the passions of individuals, their emotions and moods, and showed us how they constitute the individual subjectivity, and, on that ground, its relationship with itself, with others, and with God. Kierkegaard never wrote an entire work on envy (as he did on anxiety or despair), but dedicated special attention to it in his 1846 “Two Ages” (En litterair Anmeldelse). In this work the Danish

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

author analyzes the phenomenon of mass formation, and finds precisely in envy (Misundelse) its regulative principle, that is, the idea around which the crowd is formed. The aim of this paper is, thus, to examine why envy arises as a regulative principle, what are its effects on individual consciousness, how it relates to the Kierkegaardian concept of the numerical (Numeriske), and, finally, how it contributes to the leveling (Nivellering) of individuals.

Introdução

Todos nós conhecemos esse sentimento quase nunca admitido, mas sempre à espreita: a inveja. A história da inveja é antiga, talvez tão antiga quanto a própria humanidade. Segundo a nossa tradição judaico-cristã, o orgulho, mas também a inveja de Lúcifer, teriam sido a razão de sua queda. E então, uma vez caído, sem mais nada a perder, teria esperado a primeira oportunidade para espalhar a inveja no Paraíso e incitá-la nas criaturas mais queridas do seu grande rival, fazendo-as desejar a única coisa que não poderiam jamais alcançar. Da mesma forma, é bem conhecida a inveja que teria movido Caim a matar o seu irmão de sangue a sangue frio. Conspiração, queda, banimento, fratricídio... E tudo isso teria sido só o começo de uma longa história que alcançaria o seu clímax numa falsa acusação levantada por sujeitos tão presunçosos quanto invejosos e que resultaria, por sua vez, na sentença de morte de um inocente.

E é justamente ao tratar da condenação de Sócrates que Kierkegaard o descreve como uma “vítima da inveja mais sórdida”.² Aliás, é com relação ao sábio da Antiguidade que Kierkegaard faz sua primeira referência à inveja (se contarmos, como às vezes se propõe, a sua dissertação como o marco inicial da sua produção autoral). Logo na primeira página doseu *Conceito de ironia* (1841), o filósofo dinamarquês diz que é preciso, antes de tudo, assegurar uma concepção adequada e verdadeira de Sócrates, e isto *apesar* dos entusiastas e invejosos que o cercavam.³ Em seguida, comentando sobre a famosa “negatividade” do método socrático –que consistia basicamente em desconstruir as antigas crenças do seu interlocutor sem oferecer nada que pudesse substituí-las –,

² KIERKEGAARD, S. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro L.M. Valls. 3ª edição. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006, p. 134.

³ Cf. KIERKEGAARD, S. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro L.M. Valls. 3ª edição. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006, p. 23.

Kierkegaard atribui tal negatividade, portanto, a uma "chama devoradora da inveja", mas não qualquer tipo de inveja: pois, aqui, ele a toma no seu "sentido metafísico".⁴

Essa expressão ("sentido metafísico") – em relação à qual não são dadas maiores explicações no texto – provavelmente se refere àquela inveja que não se resume a um *sentimento* doloroso suscitado pela superioridade de alguém próximo (como era o caso dos detratores e acusadores de Sócrates), mas a uma que, removendo toda a substancialidade da existência do indivíduo, anulando-o enquanto indivíduo existente, faz com que ele se perca na idealidade. Talvez esteja aqui a semente para as considerações, dessa vez um pouco mais elaboradas, que o filósofo dinamarquês faz cinco anos mais tarde sobre a inveja e, principalmente, sobre como ela é capaz de transformar os indivíduos.

Entretanto, naquele momento já não se tratava mais de uma pesquisa acadêmica acerca de Sócrates e sua relação dialética com a eticidade grega, mas de uma análise crítica pautada na própria experiência de Kierkegaard com o mundo à sua volta e as demandas do seu tempo.

Contexto histórico

Na esteira da Revolução Francesa, em 1789, eclodiram numerosos e importantes levantes populares por toda a Europa. As revoluções de 1830 e de 1848 são os exemplos históricos mais significativos daquele período. Em 1830, o rei Carlos X é obrigado a abdicar do trono francês e, no seu lugar, apoiado pela burguesia, assume Luís Felipe D'Orleans. No mesmo ano, há grandes comoções políticas e sociais na Bélgica, Itália, Polônia e Alemanha. Entre 1846 e 1847 a Europa é assolada por uma grave crise agrícola, encarecendo o custo de vida e causando a revolta das camadas mais pobres da população. Finalmente, em 1848, é a vez de o rei Luís Felipe ser deposto; com a sua queda, uma nova constituição é promulgada e é declarada a Segunda República.

Kierkegaard estava atento ao seu tempo e não lhe passaram despercebidos nem os rumores revolucionários nem o fenômeno da formação das massas. Podemos afirmar que

⁴ KIERKEGAARD, S. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro L.M. Valls. 3ª edição. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006, p. 138.

é a partir de 1846, com a publicação de *Uma resenha literária (Enlitterair Anmeldelse)*, que Kierkegaard passa a analisar mais de perto o fenômeno das massas, denunciando de que maneira a mente coletiva pode ser perigosa às consciências individuais. Em 1848, em meio às efervescências políticas externas e internas – a própria Dinamarca estava num processo de transição da monarquia absoluta para a monarquia constitucional –, Kierkegaard retoma a sua crítica às formações grupais e a inclui no seu balanço autoral, publicado postumamente sob o título de *O ponto de vista da minha obra como autor (1859)*.

No entanto, tal crítica ao princípio de associação não se restringe nem à *Resenha literária* nem ao *Ponto de vista*, mas se encontra, de uma forma ou de outra, de um modo mais ou menos declarado, ao longo dos seus escritos e se estende até a sua morte, em 1855. Porém, aqui, manteremos nossa atenção na obra *Uma resenha literária*, por ser o lugar privilegiado em que Kierkegaard relaciona, de modo mais explícito, a multidão com a inveja.

A multidão como um fenômeno psíquico

Kierkegaard havia notado que a *intensificação das emoções* e a *inibição do intelecto* são alterações fundamentais que ocorrem na atividade mental de um indivíduo inserido na multidão. O que provoca tais alterações são, por um lado, o contágio mútuo de certa disposição emotiva entre os membros do grupo e, por outro, a influência que o seu modelo é capaz de exercer sobre eles. Aquele que estiver especialmente apto a sugestionar os indivíduos acaba por adquirir prestígio e autoridade junto ao seu grupo, tornando-se o seu líder. No que se refere especificamente ao líder da multidão, se os seus sectários tendem a se subordinar à sua vontade ou se estão dispostos a macaqueá-lo (*atefteraber*), isso se deve basicamente ao seu poder de sugestão e à sua eloquência.

A sugestão se baseia num vínculo estritamente emocional e diz respeito à habilidade que alguém possui de incitar alguns sentimentos, provocar determinados comportamentos e gerar certas convicções em outra pessoa ou num grupo de pessoas. O líder de uma multidão ou, de modo mais genérico, *da* multidão não atrai (*drage*), mas sugestiona, hipnotiza, engana, numa palavra, *seduz (lokke)* os indivíduos. Enquanto a atração é

destituída de subterfúgios retóricos, sendo pautada direta e exclusivamente na vida (no exemplo e no caráter) do modelo, a sedução supõe o apelo mal-intencionado e a manipulação calculada das emoções, de modo que a consciência é como que anulada na relação entre o modelo e o seu admirador-macaqueador.

Quanto mais eloquente for o líder, mais seguidores ele terá. A eloquência – devido à força e vivacidade com que descreve um objeto, comunica uma ideia ou se dirige ao público – desperta artificialmente uma série de paixões relacionadas ao orador. Igualmente, a eloquência tem o poder de estimular a imaginação do grupo, infundindo-lhe um medo desproporcional à ameaça real que determinado objeto pode representar e, em contrapartida, oferece a esse mesmo grupo uma esperança em algo vago e ambíguo, porém grandioso. E talvez o maior medo que o líder tenta incutir nos seus ouvintes é o de que não há salvação fora do grupo e, a maior esperança, a de que o grupo – e somente o *seu* grupo – tem o poder de realizar todas as aspirações humanas.

Esta relação tão estreita entre o líder e o seu grupo não é gratuita; existe uma espécie de simbiose entre ele (o líder) e a multidão. O líder da multidão nunca age sozinho. Ele depende do apoio do seu público, sem o qual ele simplesmente perde toda e qualquer autoridade e, mais ainda, a sua própria identidade. Se por um lado o líder tem o poder de alterar a personalidade e distorcer o senso de realidade dos componentes do público, os quais entram num tipo de transe hipnótico em que passam a se sentir invencíveis (perdem a sua individualidade, deixam-se contaminar pela euforia coletiva e se veem como parte indissolúvel de um todo), ficando completamente submissos à vontade do líder, por outro lado esse mesmo público também modifica as funções psíquicas do líder, cujos discursos tornam-se cada vez mais inflamados e confiantes quando encontram a sua aceitação – isto é, a aceitação do público, o qual, quanto mais numeroso, mais psiquicamente devastador.

Segundo o filósofo dinamarquês, “[...] o numérico inebria o orador, e ele avalia [as coisas] de modo completamente diferente do que normalmente faria”.⁵ Mas, como

⁵ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 656 n.d., 1850. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

acabamos de ver, não é só o orador que fica com a sua capacidade de avaliação comprometida. Kierkegaard é claro quanto a esse respeito:

O numérico muda os homens, inebria-os, torna-os obcecados, como se por serem muitos eles fossem algo completamente diferente do que cada indivíduo particular é. Eles ficam inebriados e interpretam tudo de maneira diferente. Se acontecer de alguém, num tão nobre público, soltar um peido mais alto (algo que todos sabem muito bem ser normalmente condenado), as pessoas se sobressaltam e começam a se perguntar se não é a voz de um espírito – tão inebriados ficamos quando formamos um público.⁶

O numérico exerce uma influência sensível sobre os homens, alterando as suas funções psíquicas e, por conseguinte, o seu comportamento. O numérico é mais do que a simples soma dos indivíduos que compõem o grupo: ele é a ideia mesma em torno da qual a multidão se reúne e que paira acima de todos os indivíduos particulares, *inclusive* do líder. Na verdade, é como se o líder diluísse a sua consciência no numérico, e isto a tal ponto de podermos considerar que o verdadeiro líder da multidão não é um sujeito em particular que porventura possa estar efetivamente encarregado de ser o porta-voz ou o artífice da vontade coletiva, mas o próprio numérico. E a partir do momento em que o numérico passa a ser a ideia com base na qual os indivíduos se relacionam uns com os outros, a inveja assume o comando.

O numérico

O modelo da multidão é uma ideia baseada em números, uma abstração e, em todo caso, um modelo que estimula não o espírito humano (sua consciência e seu discernimento), mas a sua animalidade (suas paixões mais baixas e seus impulsos mais destrutivos). Trata-se, portanto, de um *modelo negativo*. O ser-humano se relaciona, enquanto espírito, com a sua própria singularidade e, através dela, com a singularidade dos outros indivíduos; todavia, enquanto animal, relaciona-se com o grupo, com a raça humana, em suma, com o numérico (*det Numeriske*). Note-se: neste último caso ele não

⁶ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 656 n.d., 1850. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

mantém ou não se preocupa em manter nenhum contato *verdadeiramente pessoal* (íntimo, responsável) com os membros do seu grupo ou com algum ser-humano em particular, mas se apressa em relacionar-se abstratamente com noções gerais capazes de englobar *todos* os membros de um determinado grupo ou mesmo *todos* os seres-humanos. O que fascina o homem-animal (*Dyre-Mennesket*) é a quantidade ou, melhor dito, a extensão: está disposto a fazer tudo (ou quase tudo) em prol da humanidade, enquanto as necessidades reais da pessoa de carne e osso que está bem ao seu lado lhe passam despercebidas. Para este tipo, o indivíduo singular não é ninguém ou, ao menos, ninguém digno de atenção. Kierkegaard é, como de costume, certeiro na sua análise:

Há um período em que mais e mais gente é capaz de renunciar às modestas tarefas, mas não obstante tão satisfatórias e agradáveis a Deus, de uma vida mais sossegada a fim de implementar alguma coisa mais elevada, a fim de pensar acerca das relações numa relação mais elevada, mas finalmente a geração inteira se torna uma representação – que representa... bem, não há como dizer quem – que pensa acerca da relação... bem, é difícil dizer para o bem de quem.⁷

O numérico é sinônimo de irresponsabilidade, de imoralidade, de submissão a objetivos externos e finitos, está ao lado do male da mentira.⁸ Somente o indivíduo singular (jamais a massa) pode estabelecer uma relação com ideais mais elevados e agir de maneira responsável, independente e crítica, afastando-se assim do numérico e da animalidade que ele invoca. O homem-animal, este homem das multidões, é nada mais nada menos do que um macaqueador. Para Kierkegaard a relação do indivíduo com certas ideias será tão superficial quanto equivocada na medida em que este se limite à mera reprodução de tais ideias ou, mais precisamente, ao seu macaquear. Para que a relação de um indivíduo com qualquer ideia seja realmente significativa e válida, ele precisa se apropriar dela em lugar de simplesmente macaqueá-la. Se a relação do indivíduo com a ideia for a de uma repetição acrítica e a de uma imitação irresponsável,

⁷ KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 79.

⁸ Cf. o comentário dos Hong sobre *Numbers, Crowd, Mass, Public*, em: **Journals and Papers**. Vol.3, pp. 835-836. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

então ele estará relacionado a ela de modo quantitativamente determinado e, de novo, sucumbirá à sua natureza animal.

De um ponto de vista cristão, a fim de que se seja salvo, qualquer ideia e qualquer consolo baseado em números devem ser eliminados, isto é, a vida deve ser removida da criatura animal. Assim como um pássaro é morto quando privado do seu suprimento de ar, assim a vida do homem-animal é retirada quando os números são removidos.⁹

Qualquer relação quantitativamente determinada entre um indivíduo e uma ideia não está constituída de maneira essencial: o indivíduo é tão indiferente à ideia quanto a ideia a ele. No entanto, quanto maior o número de admiradores uma ideia possuir, tanto mais legitimidade ela parecerá ter e, assim, tantos mais indivíduos se interessarão por ela, macaqueando-se uns aos outros. A relação que o indivíduo mantém com tal ideia é meramente numérica, sem interioridade nem apropriação. “A sabedoria de sempre fazer como ‘os outros’ fazem é –provoca Kierkegaard – muito conveniente. Isso traz todas as vantagens terrenas e, por acréscimo, estima – porque se é sábio. Cada um bajula o outro, admirando isso como sabedoria”.¹⁰ Quando o entusiasmo do indivíduo para agir de acordo com uma ideia tem a sua origem e se deve exclusivamente aos incitamentos da multidão e quando, na falta destes, ele se desanima a ponto de se acovardar e se deixar paralisar, vendo-se sem apoio e completamente só – ou, o que lhe parece ser ainda pior, vendo-se ridicularizado e hostilizado por aqueles que antes o encorajavam e depositavam nele as suas maiores esperanças – quando o cenário é tal como o que se apresenta, o indivíduo não está em condições de determinar a sua ação qualitativamente: nem de um ponto de vista ético nem, muito menos, de um ponto de vista ético-religioso.

Qualquer decisão ou ação que for tomada nos moldes acima citados carecerá de uma verdadeira paixão, pois em tudo lhe faltam interioridade e responsabilidade – como de resto ocorre com todas as ações que, como essa, são determinadas quantitativamente,

⁹ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. XI2 A 434. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

¹⁰ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. IX A 143 n.d., 1848. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

seja pela força ou pelo encanto da maioria. Mas a ausência de interioridade e de responsabilidade não incomoda os macaqueadores ou, como também chama Kierkegaard, os homens-espécime (*Exemplar-Mennesker*), cuja autossatisfação é tanto maior quanto maior for a aprovação do público ou do grupo no qual estão inseridos. A esse respeito, comenta o filósofo dinamarquês:

Oh! É tão fácil acompanhar o rebanho como um espécime, como um número entre milhões, como um papagaio e mímico que deixa que outra pessoa apreenda uma verdade na mais terrível agonia – e então encena, toma-a [a pessoa] como resultado e garantia de que eles podem se ocupar em preencher as suas vidas com todo objetivo terreno possível.¹¹

Por outro lado, bem pode ocorrer que o indivíduo, desenredando-se do rebanho, se comprometa verdadeiramente com uma ideia. Quando o indivíduo se relaciona com uma ideia de maneira íntima, quando ela se comunica com a sua interioridade e desperta nele uma paixão – não aquela que se inflama facilmente ante a agitação convulsiva das multidões, mas que é constantemente cultivada em silêncio e introspecção –, vemos então a sua apropriação. Ainda que várias pessoas venham a se apropriar da mesma ideia, cada indivíduo permanece separado dos demais de maneira essencial e qualitativa, pois a sua relação com a ideia é determinada a partir da sua interioridade e, portanto, da sua singularidade. Entretanto, tais indivíduos conservam uma unidade na idealidade, pois a ideia à qual eles estão ligados é a mesma e, por conseguinte, é a partir dela que eles se relacionam.

A inveja

Uma ideia ou ideal tem o poder de despertar certas paixões nos indivíduos e reuni-los em torno de si. A natureza dessas paixões corresponde à natureza da ideia que as desperta. Assim, uma ideia positiva inspirará paixões, emoções e sentimentos igualmente positivos; uma ideia negativa inspirará, ao contrário, paixões, emoções e sentimentos negativos. Segundo Kierkegaard a ideia predominante e que se esconde atrás de uma era

¹¹ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. XI A 155 n.d., 1854. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

reflexiva – que ele identificava com a sua própria época (meado do séc. XIX) e que talvez poderíamos estender até a nossa – é a inveja (*Misundelse*). A inveja é, portanto, a paixão característica da era reflexiva, a qual é marcada pelo fenômeno da formação das massas e pela deificação do numérico. Na verdade, a inveja e o numérico estão numa estreita relação: onde o numérico prevalecer, ali também prevalecerá a inveja entre as pessoas.

A inveja funciona, conjuntamente com o próprio numérico, como o princípio ou ideia reguladora da era reflexiva e, por inclusão, da multidão. Isso significa que a multidão se sustenta, se orienta e encontra a sua unidade na inveja, ainda que tal sentimento esteja comumente velado ou disfarçado de algum sentimento mais nobre (como uma admiração sincera, um ardor revolucionário, um clamor por justiça etc.). A inveja é o princípio negativo que faz com que as relações interpessoais sejam regidas pela competição desleal, pelo individualismo exagerado e pela defesa empedernida dos próprios interesses – por mais injustos e imorais que estes possam ser.¹² Num primeiro momento, os indivíduos se unem invejosamente tanto contra os membros de grupos rivais (querem possuir o que estes possuem ou, melhor dito, *tomar* o que eles possuem e, se isso não for possível, *destruí-lo*) como contra os indivíduos excepcionais que se destacam da própria multidão. Naturalmente, os membros de um grupo constituído sobre tal princípio não tardarão a se voltar uns contra os outros: a paixão que os unia será a mesma que decretará a sua ruína.

Para o filósofo dinamarquês, a inveja assume a forma de uma *reflexão* que aprisiona os indivíduos (e também, conforme a sua extensão, a própria época) numa rede de possibilidades: todas as vezes que o indivíduo se move rumo à realização de uma delas, a inveja retarda o seu movimento, invalida a sua decisão, enfraquece a sua vontade até o ponto de fazê-lo desistir, mantendo-o assim sob a sua custódia. A inveja, como ideia reguladora e princípio da reflexão, torna a consciência do indivíduo turva ao invés de transparente a si mesma, impede que o indivíduo se torne si mesmo, assuma quem ele é e se responsabilize por suas próprias decisões, impede-o de viver em conformidade consigo mesmo, condenando-o a, continuamente, desejar ser outro e tornando-o para sempre

¹² Cf. TUTTLE, Howard N. **The Crowd is Untruth**. The Existential Critique of Mass Society in the Thought of Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, and Ortega y Gasset. New York: Peter Lang Publishing, 1996, p. 39.

desesperado por não conseguir sê-lo. Em poucas palavras, a paixão que incita à decisão e exorta à ação é anulada pela inveja.

Segundo Kierkegaard, existem duas espécies de inveja: uma inveja determinada reflexivamente e outra determinada eticamente. Howard Tuttle, no seu *The Crowd is Untruth (A multidão é a mentira)*, ao comentar sobre essa distinção kierkegaardiana, escreve que “[...] no estado de inveja intelectual o indivíduo se supõe ‘elevado’ a uma significação moral ou social pela posse de ideias abstratas”,¹³ isto é, ideias que não possuem qualquer vínculo com a interioridade do indivíduo, porém acerca das quais ele sabe discursar muito bem. “Mas quanto mais longe isso for, – explica Kierkegaard – mais a inveja da reflexão se tornará numa inveja ética”.¹⁴ Tal inveja não se detém no âmbito da abstração, não se limita a produzir imagens e discursos vazios que não se apoiam nem, portanto, encontram sua validade na existência daquele que os profere, mas vai além, sendo capaz de influenciar negativamente a existência concreta do indivíduo. A inveja da reflexão vai se transformando paulatinamente numa inveja ética na medida em que o indivíduo, o qual deveria se decidir e agir, acaba por não efetuar decisão nenhuma, tornando-se, portanto, um sujeito imoral, e isso justamente por conta da sua inação e indecisão.

Não obstante, a inveja possui algum caráter, isto é, alguma determinação positiva, quando a sua manifestação é o reconhecimento (embora negativo) da existência de uma excelência que ela própria (a inveja) repele ou despreza. Tais repulsa e desprezo não são, obviamente, motivadas por um sentimento de superioridade, mas, ao contrário, por um sentimento de inferioridade que, como tal, se ressentido por não ser tão bom como o objeto contemplado, e então, como estratégia de defesa, passa a desdenhar daquelas qualidades que secretamente deseja para si. Por outro lado, uma inveja sem qualquer caráter nem sequer se dispõe a reconhecer a excelência como tal, rejeitando-a de antemão como a uma ninharia qualquer. “A inveja que não possui caráter não entende que excelência é

¹³ TUTTLE, Howard N. *The Crowd is Untruth*. The Existential Critique of Mass Society in the Thought of Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, and Ortega y Gasset. New York: Peter Lang Publishing, 1996, p. 30.

¹⁴ KIERKEGAARD, S. *Two Ages: The Age of Revolution and The Present Age*. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 82.

excelência, não entende que ela mesma é um reconhecimento negativo da excelência, mas quer aviltá-la, fazer pouco dela, até que ela efetivamente não seja mais excelência [...]”,¹⁵ analisa Kierkegaard. Investindo assim contra a excelência, tanto a inveja reflexiva quanto, na sua esteira, a inveja ética acabam trabalhando para a implementação do nivelamento.

O nivelamento

Nivelamento (*Nivellering*) é esse fenômeno a partir do qual os indivíduos abrem mão da sua singularidade a fim de se ajustarem à mente coletiva. Uma das marcas do nivelamento é, ao lado da igualdade abstrata entre os indivíduos, a falta de responsabilidade. Uma pessoa responsável possui a autonomia das suas funções psíquicas, sendo capaz de reprimir certos impulsos que julga imorais ou impróprios. Trata-se, portanto, de alguém que apresenta uma postura crítica (reflexiva) com relação a si mesmo e aos próprios atos, tentando sempre organizá-los de acordo com algum critério axiológico. No entanto, esta mesma pessoa que sozinha era responsável pelas suas ações tende a tornar-se irresponsável quando inserida na multidão.

O numérico é, ao lado da inveja, o modelo da multidão. Ela, a multidão, estimula a irresponsabilidade ao desconsiderar a consciência particular de cada indivíduo e ao ressaltar as nossas emoções e sentimentos mais primários, os quais estão à margem e frequentemente se opõem à reflexão e à consciência. É próprio de procedimentos quantitativos e de relações baseadas em considerações estritamente numéricas este desprezo pelas determinações qualitativas individuais. Deste modo, uma vez que as relações numéricas desprezam as características particulares, inibem a consciência individual e promovem a erupção das nossas emoções mais básicas, a multidão é ela mesma e por definição irresponsável e niveladora.

A multidão exerce uma espécie de fascinação sobre o indivíduo. Este se deixa contagiar pelas vontades e sentimentos que emanam da mente coletiva. Assim fascinado, o indivíduo perde o seu senso crítico, entrega-se às paixões dominantes e sacrifica a sua

¹⁵ KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, pp. 83-84.

personalidade em favor dos interesses da multidão. O que fascina tanto o indivíduo é o poder que a multidão demonstra ter e com o qual ele gostaria de ser beneficiado. Além disso, a multidão oferece ao indivíduo a possibilidade de liberar os seus impulsos reprimidos, o que é fonte de grande satisfação para a consciência individual – embora também possa ser, num momento posterior em que a consciência se encontre a sós consigo mesma, fonte de sentimentos desagradáveis como a culpa e o remorso. Em geral, os instintos mais brutais e inconsequentes de um indivíduo são despertados quando ele toma parte numa multidão.

Em *Uma resenha literária* Kierkegaard se ocupa em caracterizar a modernidade como uma era das massas, em que predominam a irresponsabilidade e a inveja. Na verdade, o filósofo dinamarquês é tão enfático na sua crítica à modernidade que, de certa forma, parece condenar toda e qualquer formação grupal como sendo intrinsecamente imoral. A respeito disso, Tuttle explica que as massas das épocas anteriores (inclusive as revolucionárias) ainda possuíam relações concretas entre os indivíduos, baseadas em laços pessoais de lealdade e comprometimento mútuo, enquanto a multidão da época de Kierkegaard (e, talvez, ainda mais a nossa) é *sui generis* na medida em que abstrai de toda relação concreta entre os indivíduos.¹⁶ Esta abstração das relações concretas é própria do processo de nivelamento.

O nivelamento torna tudo superficial e apático, sendo característico de uma era que conspira contra a ação e contra qualquer sinal de interioridade. “O nivelamento é um empreendimento silencioso, matemático e abstrato que previne toda agitação”,¹⁷ diz Kierkegaard. Pode ser que eventualmente tal época manifeste certo entusiasmo que, todavia, não passará de um simples impulso passageiro. Superficial e sem interioridade, o entusiasmo de uma época reflexiva é facilmente debelado pela inveja. Na verdade, as comoções públicas de uma época reflexiva não são mais do que um jogo de cena em que os participantes, ao mesmo tempo em que se entretêm com as grandes performances

¹⁶ Cf. TUTTLE, Howard N. **The Crowd is Untruth**. The Existential Critique of Mass Society in the Thought of Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, and Ortega y Gasset. New York: Peter Lang Publishing, 1996, p. 32.

¹⁷ KIERKEGAARD, S. **Two Ages: The Age of Revolution and The Present Age**. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 84.

coletivas (passeatas, protestos, manifestações *on-line* etc.), conseguem manter a realidade fundamentalmente inalterada. Comenta Kierkegaard:

Mas quanto mais a reflexão se torna dominante e desenvolve a indolência, mais perigosa a inveja se torna, porque não tem mais a característica de chegar a uma autoconsciência da sua própria significação. Na falta desta característica, ela se relaciona com os eventos de um modo dubiamente covarde e hesitante e reinterpreta a mesma coisa de toda sorte de jeitos, desejando que isso seja tomado como uma piada, e quando isso aparentemente não dá certo, deseja que seja tomado como um insulto, e se isso não dá certo, afirma que ela não quis dizer absolutamente nada, que era para ser um dito espirituoso, e se isso não dá certo, explica que tampouco era para ser aquilo, que era uma sátira ética, a qual com efeito deve ser de algum interesse às pessoas, e se isso não dá certo, diz que não é nada a que se devesse prestar atenção.¹⁸

O processo de nivelamento é tão vasto e poderoso que nenhum indivíduo particular teria a capacidade de, por si só, instaurá-lo, embora cada um possa à sua maneira colaborar para o seu sucesso. “Indivíduos particulares podem contribuir para o nivelamento, cada um no seu próprio grupinho, mas o nivelamento – avalia Kierkegaard – é um poder abstrato e a vitória da abstração sobre os indivíduos”.¹⁹ Numa época reflexiva os indivíduos detêm algum valor apenas na medida em que se associam a outros indivíduos numa unidade abstrata que, paradoxalmente, só atribui dignidade ao indivíduo quando este se presta à uniformização. O nivelamento faz da uniformidade um valor positivo, mas, na realidade, esta igualdade promovida pelo nivelamento esconde um aspecto negativo, porque iguala não de acordo com a excelência, mas sim com aquilo que é ordinário, vulgar e medíocre. “Mediocridade é o princípio que forma a massa compacta da raça humana”,²⁰ observa Kierkegaard. O indivíduo nivelado não consegue mais distinguir a multidão de si mesmo, identificando-se completamente com ela. Por isso o filósofo dinamarquês diz que “[...] tantos e tantos seres humanos *uniformemente*

¹⁸ TUTTLE, Howard N. **The Crowd is Untruth**. The Existential Critique of Mass Society in the Thought of Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, and Ortega y Gasset. New York: Peter Lang Publishing, 1996, p. 83.

¹⁹ KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 84.

²⁰ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. XI A 516 n.d., 1854. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

formam um indivíduo; assim, é meramente uma questão de se obter o número adequado – e então se adquire importância”.²¹ E insiste:

A tendência hoje é na direção da igualdade matemática, para que assim e de maneira quase idêntica em todas as classes, tantos e tantos formem um indivíduo. [...] Hoje em dia entendemos que muitas e muitas pessoas formam um indivíduo e com toda a coerência computamos números (chamamos a isso de juntar em grupos, mas isso é um eufemismo) em relação às coisas mais triviais.²²

A rigor, o nivelamento é uma força da abstração, e não de um indivíduo – ao contrário, os indivíduos é que são objetos do nivelamento. “O nivelamento não é a ação de um indivíduo, mas um jogo da reflexão nas mãos de um poder abstrato”.²³ Ao nivelar os indivíduos, a abstração sentencia o seu triunfo sobre a singularidade, sobre a paixão e sobre a interioridade. Em outras palavras, o indivíduo nivelado é invejoso, anônimo (esconde-se na impessoalidade da multidão), apático (pelo menos no que se refere a uma paixão dialeticamente orientada ou positiva) e superficial (vive nas categorias próprias da imediatez). A igualdade e as relações interpessoais que o nivelamento e a inveja promovem se baseiam numa reciprocidade negativa: os indivíduos se relacionam entre si e com o modelo de maneira ressentida e mesquinha em lugar de cultivarem uma admiração genuína que reconhece (e quer imitar) a excelência do outro. A inveja é o oposto da admiração e da imitação (*Efterfølgelse*), estando, não obstante, na origem do macaquear (*Efterbelse*).

Conclusão

Filósofos, psicólogos e demais estudiosos interessados no conceito de inveja normalmente chegam à mesma definição básica: um *sentimento* ruim, doloroso mesmo, sentimento este que um sujeito experimenta ao se comparar com alguém que possui

²¹ KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 85.

²² KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 85.

²³ KIERKEGAARD, S. **Two Ages**: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009, p. 86.

aquilo que o primeiro gostaria de possuir. E, por não possuí-lo, sente-se triste, frustrado e inferior àquele que o possui. Tais sentimentos de tristeza, frustração e inferioridade acabam, por fim, resultando num sentimento de hostilidade contra o sujeito que possui os recursos invejados.

Embora não se afaste completamente da concepção tradicional sobre a inveja, Kierkegaard estabelece uma relação inovadora entre tal sentimento e a *reflexão* – talvez se encontre aí o seu contributo à tradição no que concerne à análise da inveja. Aliás, até onde me consta, Kierkegaard foi o primeiro pensador a elevar a inveja a princípio regulador de toda uma era e ideal em torno do qual a multidão se forma – eis mais uma vez a sua originalidade.

Enquanto princípio regulador, a inveja kierkegaardiana tem a propriedade de provocar não somente ressentimento e hostilidade entre os indivíduos, mas também de aprisioná-los numa “negatividade absoluta infinita”, para me valer da expressão que o filósofo dinamarquês utiliza constantemente no seu *Conceito de ironia*. E é aí que Kierkegaard se afasta da tradição e confere à inveja o poder de superexcitar a reflexão, como se a idealidade se dirigisse à existência e, por não conseguir dar o salto para a realidade efetiva, resolvesse simplesmente eliminá-la – o que poderíamos chamar, talvez, de uma “inveja metafísica”, a mesma à qual nos referimos no começo deste trabalho e na qual a multidão encontra o seu *telos*, a sua razão de ser e, conseqüentemente, o seu fim.

REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

_____. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro L.M. Valls. 3ª edição. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006.

_____. **Two Ages: The Age of Revolution and The Present Age. A Literary Review**. Trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009.

TUTTLE, Howard N. **The Crowd is Untruth**. The Existential Critique of Mass Society in the Thought of Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, and Ortega y Gasset. New York: Peter Lang Publishing, 1996.